Canção de amor triunfante*

Ivan Turguêniev
Tradução de Stefano Bacchini**

Resumo: **Ivan Turguêniev é muito conhecido pelos grandes romances de sua fase madura, em que lida com personagens da *intelligentsia* russa, como *Rúdin* e *Pais e Filhos*. Mas há uma parte da produção do escritor que segue inexplorada. É o caso deste conto (Песнь торжествующей любви), publicado no final de sua vida, em 1881, e no qual são claras as influências das histórias de santos presentes em Flaubert e em outros escritores, ligados ao Romantismo alemão. Neste conto, Turguêniev apresenta uma atmosfera mística e fantástica, singular em sua obra.**

Abstract: Ivan Turgenev is well known for the novels from his mature phase, dealing with characters from the Russian *intelligentsia*, like *Rudin* and *Fathers and Sons*. However, a significant portion of his other literary works remains unexplored in the Brazilian editorial market. This short story (Песнь торжествующей любви) is one example, published in the end of the author's life, in 1881, with clear influences from Flaubert's saint stories and from German Romanticism, bringing with it a unique characteristic within Turgenev's works – a mystic and fantastic atmosphere.

Palavras-Chave: Ivan Turguêniev; Literatura russa; Conto; Tradução; Romantismo
Keywords: Ivan Turgenev; Russian Literature; Short story; Translation; Romanticism

Dedicado à memória de Gustave Flaubert

"Wage Du zu irren und zu träumen!"[1]

- Schiller

O que segue, li em um antigo manuscrito italiano:

* Tradução submetida em 04 de outubro de 2018 e aprovada em 12 de novembro de 2018.

** Stefano Bacchini é formado em Letras – Russo pela Universidade de São Paulo. Apoio CAPES. (stebacchini@gmail.com)

1

Em meados do século dezesseis, em Ferrara (cidade que prosperava sob o cetro de seus magníficos duques, patronos das artes e da poesia) –, viviam dois jovens rapazes chamados Fábio e Múzio. De mesma idade e parentes próximos, eram quase inseparáveis; uma amizade cordial os unia desde a infância... a igualdade de destino consolidara esse laço. Ambos pertenciam a famílias antigas, ambos eram ricos, independentes e solteiros; os dois tinham gostos e inclinações semelhantes. Múzio se dedicava à música, e Fábio, à pintura. Toda Ferrara se orgulhava deles, como sendo os melhores adornos da corte, da sociedade e da cidade. Na aparência, entretanto, não se assemelhavam um ao outro, ainda que ambos sobressaíssem por suas belezas, de caráter juvenil e elegante: Fábio era mais alto, tinha faces pálidas, cabelos claros, e os olhos eram azuis; Múzio, ao contrário, tinha o rosto moreno e cabelos negros, não tinha nos olhos castanho-escuros o mesmo brilho de alegria que Fábio, nem o mesmo sorriso amistoso nos lábios; suas sobrancelhas espessas avançavam sobre as

[1] "Ouse errar e sonhar". (*N. do T.*)

pálpebras estreitas – enquanto as sobrancelhas douradas de Fábio estendiam-se em delicados semicírculos em sua fronte limpa e lisa. A conversa de Múzio também era menos viva; ainda assim, ambos os amigos agradavam às damas, pois não por acaso eram exemplos de generosidade e cortesia cavalheiresca.

Na mesma época, vivia com eles em Ferrara uma jovem chamada Valéria. Era considerada uma das maiores beldades da cidade, ainda que raramente fosse possível vê-la, já que levava uma vida reclusa e saía de casa apenas para ir à igreja, assim como às grandes festividades, e para passear. Vivia com a mãe, uma viúva nobre, porém empobrecida, que não tinha outros filhos. A qualquer pessoa que lhe fosse apresentada, Valéria passava um sentimento de admiração involuntário e de terno respeito, igualmente involuntário: tinha uma maneira de ser tão modesta, que ela própria parecia ter pouca consciência da força de seu encanto. Uns, é verdade, achavam-na um pouco pálida; os olhos, quase sempre baixos, pareciam expressar certa timidez e até receio; os lábios raramente sorriam, e ainda assim com discrição; a voz, poucos eram os que ouviam. Mas corria um rumor de que tinha uma voz maravilhosa e que, ao se fechar sozinha no quarto de manhã cedo, quando tudo na cidade ainda dormitava, gostava de cantar antigas canções ao som do alaúde, que ela mesma tocava. Apesar da palidez das faces, Valéria irradiava saúde; e até os mais velhos, ao olhar para ela, não podiam deixar de pensar: "Oh, quão feliz será o jovem por quem finalmente desabrochar essa flor intocada e virginal, com suas pétalas ainda fechadas!".

2

Fábio e Múzio viram Valéria pela primeira vez em uma esplêndida recepção popular, organizada sob ordens do Duque de Ferrara, Ercol, filho da famosa Lucrécia Bórgia, em honra de importantes dignitários vindos de Paris a convite da duquesa, filha de Luís XII, rei da França. Valéria estava sentada ao lado

de sua mãe em meio a uma tribuna elegante, erguida de acordo com o projeto de Palladio na praça principal de Ferrara e ocupada pelas donzelas mais respeitadas da cidade. Ambos – tanto Fábio quanto Múzio – apaixonaram-se profundamente por ela naquele mesmo dia; e visto que não escondiam nada um do outro, cada um deles logo tomou conhecimento do que ocorria no coração do companheiro. Chegaram a um acordo entre si: os dois tentariam se aproximar de Valéria – e se ela se dignasse a escolher um deles, o outro aceitaria a decisão sem protestar. Algumas semanas depois, graças a seus bons nomes, que usavam por direito, conseguiram penetrar na inacessível casa da viúva; ela lhes permitiu visitá-la. Desde então conseguiam ver Valéria e conversar com ela quase todos os dias, e a cada dia mais se inflamava a chama acesa no coração dos dois jovens; Valéria, porém, não mostrava preferência por qualquer um dos dois, embora a presença de ambos parecesse agradá-la. Com Múzio ela se dedicava à música, mas com Fábio conversava mais; com ele era menos tímida. Por fim, decidiram saber de uma vez por todas o que lhes reservava o destino – enviaram a Valéria uma carta em que pediam que deixasse claras as suas intenções e dissesse para qual dos dois estava preparada a dar a mão. Valéria mostrou a carta à mãe e anunciou que estava disposta a permanecer solteira, mas, se a mãe achasse que era hora de se casar, então se casaria com aquele que a mãe escolhesse. A respeitada viúva derramou algumas lágrimas ao pensar em se separar de sua filhinha amada; mas não havia razão para recusar os pretendentes: ela considerava ambos igualmente merecedores da mão de sua filha. Mas por preferir Fábio e suspeitar que, por seu temperamento, era ele quem combinava mais com Valéria, ela o escolheu. No dia seguinte, Fábio soube de sua sorte grande; enquanto a Múzio só restou manter a palavra – e resignar-se.

E foi o que fez; porém, testemunhar o triunfo do amigo, seu rival – isso ele não suportaria. Colocou imediatamente à venda a maior parte de suas posses e, acumulando alguns milhares de ducados, partiu em longa viagem rumo ao Oriente. Ao despedir-se de Fábio, disse que não voltaria enquanto não tivesse sumido o último resquício de paixão. Para Fábio foi difícil

separar-se do amigo de infância e juventude... mas a alegria radiante da felicidade próxima logo encobriu todas as outras sensações, e ele se entregou completamente ao êxtase do coroamento desse amor.

Logo estava casado com Valéria, e foi só então que descobriu todo o valor do tesouro que tinha a oportunidade de possuir. Era dono de uma linda vila cercada por um jardim sombreado, numa distância próxima de Ferrara; mudou-se para lá com a esposa e a mãe dela. Teve início um período iluminado para eles. A vida de casada trouxe uma nova luz encantadora a todas as virtudes de Valéria; Fábio tornou-se um pintor notável – não mais um simples amador, mas um mestre. A mãe de Valéria estava feliz e agradecia a Deus ao ver o casal feliz. Quatro anos se passaram imperceptivelmente, como um sonho abençoado. Apenas uma coisa faltava ao jovem casal, apenas uma coisa os afligia: não tinham filhos.... mas nunca abandonaram a esperança. No final do quarto ano receberam a visita de uma grande dor, e dessa vez verdadeira: a mãe de Valéria faleceu depois de alguns dias de enfermidade.

Valéria derramou muitas lágrimas; por um longo tempo, não conseguiu acostumar-se à perda. Mas outro ano se passou, a vida voltou ao normal e tomou o curso anterior. E eis que numa linda noite de verão, sem nenhum aviso, Múzio retorna a Ferrara.

3

Durante os cinco anos que se passaram desde sua partida, ninguém ouvira falar dele; todos os rumores a seu respeito desapareceram, assim como ele desaparecera da face da Terra. Quando Fábio encontrou o amigo em uma rua de Ferrara, por pouco não se pôs a gritar, primeiro de susto, depois de alegria; e imediatamente o convidou para ir à sua vila. No jardim, separado da casa, havia um pavilhão; sugeriu que o amigo se hospedasse nesse pavilhão. Múzio concordou de bom grado, e no mesmo dia mudou-se para lá com seu servo, um malaio

mudo – mudo, mas não surdo e, a julgar pela vivacidade de seu olhar, um homem muito esperto... A língua lhe fora cortada. Múzio trouxe consigo dezenas de baús cheios de uma grande variedade de preciosidades, reunidas por ele durante o curso de suas prolongadas viagens. Valéria estava encantada com o retorno de Múzio; e ele a cumprimentou com alegria, porém com tranquilidade: estava claro para todos que mantivera sua promessa a Fábio. Demorou um dia para se acomodar no pavilhão; tirou dos baús, com a ajuda do malaio, as preciosidades que trouxera: tapetes, sedas, trajes de veludo e brocado, armas, cálices, pratos e taças de esmalte ornamentado, objetos de ouro e prata incrustados de pérolas e turquesas, caixas entalhadas com jaspes e marfim, garrafas lapidadas, especiarias, tabacos, couros de animais, penas de pássaros desconhecidos e uma variedade de coisas cujos usos pareciam misteriosos e incompreensíveis. Entre esses tesouros havia um colar de pérolas que Múzio recebera do xá da Pérsia como agradecimento por algum serviço importante e secreto; pediu permissão a Valéria para colocá-lo em torno de seu pescoço com suas próprias mãos; a ela, o colar pareceu pesado e dotado de um calor estranho... que parecia fazê-lo apegar-se à sua pele. No final da tarde, depois do almoço, sentado no terraço sob a sombra dos oleandros e loureiros, Múzio começou a falar de suas viagens. Falou dos países longínquos que vira, das montanhas que se erguiam além das nuvens, de desertos sem água, de rios que pareciam mares; falou de enormes construções e templos, de árvores milenares, de flores e pássaros de todas as cores do arco-íris; nomeou as cidades que havia visitado e os povos... nomes que pareciam saídos de contos de fadas. Todo o Oriente era familiar a Múzio: viajara pela Pérsia e a Arábia, onde os cavalos são mais nobres e mais bonitos que qualquer outra criatura, havia penetrado nas profundezas da Índia, onde os seres humanos parecem plantas gigantescas, havia atingido os limites da China e do Tibete, onde o deus vivo, chamado Dalai Lama, habita a Terra na forma de um homem silencioso de olhos estreitos. Que maravilhas que eram essas histórias! Fábio e Valéria escutavam como que enfeitiçados. As feições de Múzio haviam mudado pouco; moreno desde criança, seu

rosto havia ficado levemente escurecido, bronzeado pelos raios de um sol mais claro; os olhos pareciam mais profundos do que antes – e isso era tudo. Já a expressão em sua face era outra: concentrada e séria, não demonstrava nenhuma vivacidade, nem quando mencionava os perigos que existiam na noite, em florestas cercadas de tigres, ou nos dias em que, em estradas vazias, os viajantes eram vigiados por fanáticos que os estrangulavam para honrar deuses de ferro, deuses que exigiam sacrifícios humanos. E a voz de Múzio havia se tornado mais firme e grave; o movimento de suas mãos e do corpo havia perdido os gestos característicos dos italianos. Com a ajuda de seu servo, o servil e ágil malaio, demonstrou para seus anfitriões alguns dos truques que aprendera com os brâmanes indianos. Assim, por exemplo, tendo primeiro se escondido atrás de uma cortina, apareceu de repente sentado no ar com as pernas dobradas embaixo de si, a ponta dos dedos apoiadas levemente sobre um caule de bambu vertical, um feito que impressionou Fábio e assustou Valéria... "Talvez ele pratique magia negra?", pensou ela. Quando, tocando uma pequena flauta, começou a chamar serpentes de cestos fechados, e quando, com línguas sibilantes, as cabecinhas chatas apareceram debaixo de um pano colorido, Valéria ficou aterrorizada e implorou que Múzio cobrisse imediatamente as criaturas. Durante o jantar, Múzio ofereceu aos amigos um vinho Shiraz em uma garrafa redonda de gargalo longo; possuía buquê e corpo pronunciados, com uma cor dourada e traços esverdeados, e brilhava de modo curioso ao ser servido em pequenas taças de jaspe. Tinha um gosto distinto de todos os vinhos europeus; era doce e apimentado e, ao ser bebido devagar, em pequenos goles, provocava em todos os membros uma sensação de agradável torpor. Múzio fez Fábio e Valéria beberem num pequeno copo, e ele mesmo também bebeu. Sobre sua própria taça, Múzio moveu os dedos e murmurou algo. Valéria percebeu isso; mas como nos gestos e no comportamento geral de Múzio havia algo estranho e incomum, ela simplesmente pensou consigo mesma: "Será que, na Índia, ele adotou alguma religião ou alguns de seus costumes?". Mais tarde, após um curto silêncio, ela perguntou se ele havia mantido seu interesse pela música

durante suas viagens. Em resposta, Múzio mandou o malaio trazer seu violino indiano. Parecia com os violinos modernos, mas em vez de quatro cordas possuía três, o topo era coberto por um couro de cobra com tons azulados, e o delicado arco tinha uma forma semicircular, além de um diamante na ponta.

Múzio tocou primeiro algumas canções populares melancólicas, segundo suas próprias palavras, estranhas e até selvagens aos ouvidos italianos; o som das cordas metálicas era lamentoso e fraco. Mas quando Múzio começou a canção final, esse mesmo som subitamente se fortaleceu, ressoou sonora e poderosamente; uma melodia apaixonada se derramou dos movimentos largos do arco, derramou-se em curvas maravilhosas, como a própria serpente que cobria o topo do violino; e uma felicidade tão triunfante ardia com tal chama nessa canção, que Fábio e Valéria foram atingidos bem no coração, e lágrimas começaram a correr em suas faces.... e Múzio, com a cabeça inclinada, apertando o violino contra ela, com a face pálida e as sobrancelhas franzidas em uma linha reta, parecia ainda mais concentrado e solene – e o diamante na ponta do arco vertia raios brilhantes ao se mover, como se também fora aceso pelo fogo desta maravilhosa canção. Quando Múzio acabou, ainda segurando o violino firmemente entre o queixo e o ombro, deixou cair a mão que segurava o arco. "O que é isso? Que canção tocou para nós?", exclamou Fábio. Valéria não disse uma palavra, mas parecia que todo o seu ser repetia a pergunta do marido. "Isso? Essa melodia... essa canção, escutei uma vez no Ceilão. Essa canção é considerada pela gente de lá uma canção feliz, de amor satisfeito." "Toque de novo", sussurrou Fábio. "Não; não deve ser repetida", respondeu Múzio, "além disso, já é tarde. A *Signora*[2] Valéria deve descansar; e também está na minha hora, estou cansado." Durante todo o dia, Múzio havia tratado Valéria com uma respeitosa simplicidade, como um velho amigo; mas, ao se despedir, segurou-lhe as mãos com firmeza, apertando-lhe os dedos contra sua palma, e olhou-a no rosto tão fixamente que ela, embora não erguesse os olhos, sentiu o olhar do outro em suas maçãs enru-

[2] No original russo, foi usada a forma italiana, синьора, o que foi mantido na tradução. (*N. do T.*)

bescidas. Não disse nada a Múzio, mas retirou rapidamente a mão e, quando ele saiu, olhou para a porta pela qual havia ido. Lembrou-se de como, nos anos passados, sentia um pouco de medo dele... e agora estava tomada por confusão. Múzio voltou para seu pavilhão; o casal retirou-se para o quarto.

4

Valéria demorou a pegar no sono; o sangue lhe fora gentil e voluptuosamente agitado, e em sua cabeça havia um leve zumbido... por causa daquele vinho estranho, assim ela supunha, ou talvez por causa das histórias de Múzio, do que tocou no violino... Ao amanhecer adormeceu e teve um sonho estranho.

Sonhou que entrava numa sala espaçosa com uma abóboda baixa... Nunca tinha visto uma sala assim. Todas as paredes eram decoradas com pequenos azulejos azuis e ervas douradas; delicados pilares esculpidos de alabastro suportavam a abóboda de mármore; o próprio teto, assim como os pilares, parecia semitransparente... uma luz pálida e rosada penetrava a sala de todos os lados, iluminando todos os objetos de forma uniforme e misteriosa; almofadas de brocado estavam dispostas sobre um tapete estreito no meio do piso liso como um espelho. Nos cantos, quase imperceptíveis, haviam altos incensários na forma de animais fantásticos; não havia janelas; a porta, um dossel com cortinas de veludo, preta e silenciosa em um recesso na parede. E de repente a cortina suavemente desliza, abrindo-se.... e entra Múzio. Ele se inclina, abre os braços para abraçá-la e ri... Suas mãos ásperas envolvem o corpo de Valéria; seus lábios secos queimam-na toda... Ela cai de costas, sobre as almofadas....

Com um lamento de horror, depois de prolongado esforço, Valéria acordou. Ainda sem entender onde estava e o que havia acontecido com ela, sentou-se na cama e olhou em volta... Um tremor percorreu-lhe o corpo todo... Fábio estava deitado ao seu lado. Dormia; mas seu rosto, sob a luz da lua redonda e

brilhante que espiava pela janela, estava pálido como o de um cadáver... e mais triste que a face de um morto. Valéria acordou o marido, que assim que olhou para ela disse: "O que aconteceu com você?". "Eu tive.... tive um sonho terrível", sussurrou, ainda tremendo toda.

Mas, nesse momento, da direção do pavilhão vieram uns sons fortes, e ambos – tanto Fábio como Valéria – reconheceram a melodia que Múzio tocara, chamando-a de canção de amor satisfeito, triunfante. Fábio olhou perplexo para Valéria... ela fechou os olhos e virou-se, e ambos, sem respirar, escutaram a canção até o fim. Quando a última nota cessou, a lua foi coberta por nuvens e o quarto de repente escureceu... Ambos deitaram a cabeça no travesseiro, sem dizer uma palavra, e nenhum dos dois percebeu quando o outro adormeceu.

5

Na manhã seguinte, Múzio veio para o desjejum; parecia satisfeito, e cumprimentou Valéria alegremente. Embaraçada, ela lhe respondeu – olhou-o rapidamente nos olhos – e assustou-se com a expressão de satisfação, de felicidade que viu em seu rosto, com seu olhar penetrante e inquisitivo. Múzio estava prestes a começar uma de suas histórias... mas Fábio o interrompeu na primeira palavra.

– Você por acaso teve dificuldade em pegar no sono num lugar estranho? Nós o ouvimos tocar a canção que nos mostrou ontem.

– Sim? Vocês ouviram? – disse Múzio. – Eu realmente a toquei, mas antes dormi e até tive um sonho surpreendente.

Valéria ficou inquieta.

– Que sonho? – perguntou Fábio.

– Sonhei – respondeu Múzio, sem tirar os olhos de Valéria – que estava em uma sala ampla, com teto decorado em estilo oriental. Pilares esculpidos sustentavam o teto, as paredes eram cobertas de azulejos e, embora não houvesse jane-

las nem velas, a sala era preenchida por uma luz cor-de-rosa, como se fosse feita de pedra transparente. Nos cantos haviam incensários chineses, no piso, um tapete estreito coberto por almofadas de brocado. Entrei por uma porta coberta por uma cortina, e de outra porta, diretamente em frente, saiu uma mulher que um dia amei. E me pareceu tão bonita que o antigo amor me inflamou inteiro.

Múzio se deteve com gravidade. Valéria estava sentada imóvel e lentamente empalidecia... sua respiração se aprofundava.

– Então – continuou Múzio –, acordei e toquei a canção.

– Mas quem era essa mulher? – perguntou Fábio.

– Quem era ela? A esposa de um indiano. Eu a conheci em Delhi... Ela já não é mais viva. Morreu.

– E o marido? – perguntou Fábio, mesmo sem saber ele mesmo o motivo.

– O marido também, dizem, morreu. Perdi contato com os dois.

– Que estranho! – exclamou Fábio. – Minha mulher também teve um sonho estranho na noite passada – Múzio olhou fixamente para Valéria –, que não me contou – acrescentou Fábio.

Mas nesse momento Valéria levantou-se e saiu da sala. Imediatamente após o desjejum, Múzio também saiu, anunciando que tinha negócios em Ferrara e que não voltaria antes do fim da tarde.

6

Algumas semanas antes do retorno de Múzio, Fábio havia começado um retrato de sua esposa, pintando-a com os atributos de Santa Cecília. Fábio havia progredido consideravelmente como pintor; o celebrado Luini, pupilo de Leonardo da Vinci, o visitara em Ferrara e, enquanto o ajudava com seus próprios conselhos, também repassava os ensinamentos de seu grande mestre. O retrato estava quase completo; faltava apenas completar o rosto com algumas pinceladas, e Fábio po-

deria orgulhar-se do que tinha feito. Despedindo-se de Múzio, dirigiu-se para seu estúdio, onde geralmente Valéria o esperava; mas não a achou ali; chamou-a, mas ela não respondeu. Fábio foi tomado por uma ansiedade secreta; começou a procurá-la. Dentro de casa não estava; Fábio correu para o jardim – e então, em uma das alamedas mais isoladas, avistou Valéria. Com a cabeça caída sobre o peito, as mãos cruzadas sobre os joelhos, estava sentada em um banco, e atrás dela, destacando-se do verde escuro do cipreste, havia um sátiro de mármore, com o rosto distorcido por um sorriso maldoso e uma flauta encostada em seus lábios pontiagudos. Valéria alegrou-se visivelmente com o aparecimento do marido – respondeu às suas perguntas ansiosas dizendo que estava com uma leve dor de cabeça, mas que isso não era nada e que estava pronta para a sessão. Fábio a levou ao estúdio, sentou-a, pegou o pincel; mas para sua grande irritação não conseguiu terminar seu rosto como desejava. E não porque estava um pouco pálida e parecia cansada.... não; aquela expressão pura e santa que tanto lhe agradava, e que lhe havia inspirado a pintar Valéria como o ícone de Santa Cecília – ele hoje não encontrava. Finalmente jogou o pincel, falou para a esposa que não estava inspirado e que não queria atrapalhar seu descanso, uma vez que sua aparência não estava muito boa, e colocou o cavalete com a pintura do rosto contra a parede. Valéria concordou com ele que deveria descansar e, voltando a se queixar de dor de cabeça, retirou-se para o quarto.

Fábio permaneceu no estúdio. Sentia-se estranho, não compreendia sua confusão. A chegada de Múzio à sua casa em uma visita que ele mesmo, Fábio, havia sugerido, o constrangia. E não porque estivesse com ciúmes – era impossível ter ciúmes de Valéria! –, mas simplesmente porque não reconhecia em seu amigo seu antigo companheiro. Tudo de estranho, desconhecido e novo que Múzio trouxera consigo das pátrias distantes fora incorporado ao seu corpo e sangue – todos esses truques de mágica, canções, vinhos estranhos, o malaio mudo, até a própria fragrância picante que emanava das roupas, cabelo e hálito de Múzio – tudo isso incutia em Fábio um sentimento de desconfiança, talvez até de temor. E por que

motivo o malaio, enquanto servia a mesa, olhava para ele, Fábio, com uma atenção tão desagradável? É verdade, podia ser que entendesse italiano. Múzio havia dito que, tendo pagado com sua língua, esse malaio havia feito um grande sacrifício – e obtido com isso uma grande força. Que força era essa? E como podia obtê-la pelo sacrifício de sua língua? Tudo isso era muito estranho! Muito incompreensível! Fábio foi ver a esposa no quarto; estava deitada na cama, vestida – mas não dormia. Ao ouvir seus passos estremeceu, e depois ficou feliz em vê-lo, como no jardim. Fábio sentou a seu lado na cama, segurou nas mãos de Valéria e, após um breve silêncio, perguntou: que sonho singular foi esse que a assustou tanto durante a noite? E foi similar ao sonho que Múzio descreveu? Valéria enrubesceu e disse apressadamente: "Oh não! Não! Eu vi... um monstro que queria me despedaçar". "Um monstro? Com a forma de um homem?", perguntou Fábio. "Não, com a forma de uma criatura bestial... uma fera!" Valéria virou-se e escondeu o rosto enrubescido no travesseiro. Fábio continuou a segurar as mãos da esposa por um tempo, então levou-as lentamente aos lábios, e saiu.

Ambos passaram o dia infelizes. Parecia que algo de sinistro pairava sobre suas cabeças... mas não conseguiam dizer o que era. Queriam estar juntos, como se algum perigo os espreitasse; mas o que podiam dizer um ao outro – isso não sabiam. Fábio tentou mais uma vez trabalhar em seu retrato ou ler Ariosto, cujo poema havia recentemente chegado a Ferrara, ganhando fama por toda a Itália; mas não obteve sucesso... No final da tarde, por volta da hora do jantar, Múzio retornou.

7

Múzio parecia calmo e satisfeito, mas não falou nada; tudo que fez foi perguntar a Fábio sobre antigos conhecidos, sobre a expedição alemã, sobre o imperador Carlos; falou sobre seu desejo de visitar Roma para ver o novo papa. Novamente ofereceu a Valéria o vinho Shiraz e, em resposta à sua recusa,

murmurou, como que para si mesmo: “Agora já não é necessário”. Voltando com a esposa para o quarto, Fábio logo pegou no sono.... e, ao acordar uma hora mais tarde, teve a certeza de que não dividia a cama com ninguém: Valéria não estava com ele. Levantou-se rapidamente e, no mesmo instante, viu a esposa, de camisola, entrar no quarto vindo do jardim. A lua brilhava, embora pouco antes tivesse chovido. De olhos fechados e com uma expressão de horror secreto no rosto imóvel, Valéria aproximou-se da cama e, apalpando o caminho com as mãos estendidas, deitou-se rapidamente e em silêncio. Fábio dirigiu-se a ela com uma pergunta, mas não obteve resposta – parecia dormir. Tocou-a e sentiu os pingos de chuva em sua camisola e em seu cabelo, e nas solas de seus pés descalços havia grãos de areia. Então levantou e correu para o jardim pela porta entreaberta. O luar banhava tudo com um brilho áspero. Fábio olhou em volta e viu na areia do caminho traços de dois pares de pés – um deles descalço, que levava a um arbusto de jasmins entre o pavilhão e a casa. Parou atônito e subitamente ouviu ressoar novamente o som daquela canção que havia escutado na noite anterior. Estremeceu e correu para o pavilhão... Múzio estava de pé no meio do salão e tocava o violino. Fábio atirou-se na direção dele.

– Você estava no jardim, você saiu, suas roupas estão molhadas da chuva?

– Não... não sei... parece... não saí... – Múzio respondeu pausadamente, surpreso pela chegada de Fábio e sua agitação.

Fábio o pegou pela mão.

– E porque estava tocando essa melodia de novo? Com certeza não tornou a ter o mesmo sonho?

Múzio olhou para Fábio com o mesmo olhar de surpresa e calou-se.

– Responda!

A lua nasceu como um escudo redondo.

Como uma cobra, o rio brilha...

Meu amigo está acordado, meu inimigo dorme –

A águia agarra a galinha....

Ajudem! –

Murmurou Múzio, como que cantando, em transe.

Fábio deu alguns passos para trás, olhou para Múzio, pensou... e voltou para casa, para o quarto.

Com a cabeça apoiada no ombro e os braços estendidos sem força, Valéria dormia um sono pesado. Não conseguiu acordá-la imediatamente, mas, assim que o viu, ela se jogou sobre o seu ombro e o abraçou convulsivamente; seu corpo todo tremia.

– O que há com você, minha querida, o que você tem? – perguntou Fábio, tentando acalmá-la. Mas Valéria continuou a segurá-lo.

– Oh, que sonhos terríveis eu tive – sussurrou, pressionando a face contra a dele. Fábio queria que ela se explicasse... mas ela simplesmente estremeceu.

O vidro das janelas começava a brilhar com os raios da manhã quando ela finalmente pegou no sono em seus braços.

8

No dia seguinte, Múzio desapareceu de manhã, e Valéria anunciou ao marido que pretendia visitar o monastério local, onde vivia seu guia espiritual, um frade velho e conservador por quem tinha uma devoção sem limites. Em resposta às perguntas de Fábio, disse que desejava aliviar a alma confessando-se, uma alma pesada devido às terríveis impressões dos últimos dias. Ao olhar para o rosto magro de Valéria, ouvir sua voz cansada, Fábio aprovou sua intenção, acreditando que o venerado abade Lorenzo poderia lhe oferecer bons conselhos, dispersar suas dúvidas... Sob a proteção de quatro criados Valéria se dirigiu ao monastério, enquanto Fábio permaneceu em casa e, até o retorno da esposa, vagou pelo jardim tentando entender o que havia acontecido com ela, com um sentimento constante de medo, de ira, e a dor das incertezas e da desconfiança... Mais de uma vez olhou para o pavilhão, mas Múzio

não havia retornado, e o malaio olhava para Fábio como uma estátua, a cabeça inclinada servilmente, e de longe – pelo menos foi o que pareceu a Fábio – parecia ter um sorriso secreto no rosto bronzeado. Enquanto isso Valéria, em sua confissão, contou tudo a seu guia espiritual, não com vergonha, mas com terror. O abade a ouviu atentamente, abençoou-a, absolveu-a de seus pecados involuntários, enquanto pensava consigo mesmo: "Bruxaria, feitiços demoníacos... Isso não pode ficar assim...", e acompanhou Valéria de volta à vila, para finalmente acalmá-la e confortá-la. Assim que viu o abade, Fábio ficou extremamente alarmado; mas o experiente velho frade já havia decidido como se comportar. Vendo-se sozinho com Fábio, não falou, evidentemente, nada do que lhe fora revelado no confessionário, mas o aconselhou a, assim que surgisse uma oportunidade, livrar sua casa do hóspede que, com suas histórias, canções e comportamento, havia trazido tamanho transtorno à imaginação de Valéria. Além disso, na opinião do velho, antes Múzio não era de todo convencido em suas crenças, e, tendo passado tanto tempo em países não-iluminados pela luz do Cristianismo, poderia ter trazido de volta a contaminação de falsas doutrinas e poderia até ter se aventurado nos mistérios da magia, e embora a amizade de longa-data apresentasse seus direitos, o bom-senso e o cuidado apontavam para a necessidade da separação! Fábio concordou inteiramente com o respeitável frade e Valéria até se alegrou quando o marido a informou do conselho do velho. Acompanhado dos bons votos de ambos, abastecido de presentes caros para o monastério e para os pobres, frade Lorenzo voltou para casa.

Fábio decidiu falar com Múzio imediatamente após o jantar; mas seu estranho hóspede não retornou para o jantar. Adiou a conversa para o dia seguinte, e ambos se retiraram para o quarto.

9

Valéria logo adormeceu, mas Fábio não conseguia dormir. No silêncio da noite podia imaginar mais vivamente tudo o que havia visto e sentido; e ficava ainda mais insistente em fazer para si mesmo perguntas, para as quais antes não tinha achado respostas. Por acaso Múzio praticava magia negra – haveria ele envenenado Valéria? Ela estava doente... mas que doença era? Enquanto ele, com as mãos na cabeça e sem conseguir conter a respiração ardente, entregava-se a pensamentos penosos, a lua tornava a nascer no céu sem nuvens; e junto com seus raios, através dos painéis semitransparentes das janelas, vindo da direção do pavilhão – ou era a imaginação de Fábio? –, dispersou-se um sopro de ar, similar a um leve odor.... Então ele ouviu um impertinente sussurro apaixonado, e no mesmo momento percebeu que Valéria começou a se mexer fracamente. Despertou no mesmo instante e viu: ela se levantava da cama, baixando lentamente um pé, depois o outro e, como uma lunática, olhando para a frente com olhos sem vida, as mãos estendidas. Moveu-se em direção à porta do jardim! Fábio saiu instantaneamente pela outra porta do quarto e, correndo ágil em volta do canto da casa, bateu a porta que levava ao jardim.... Mal conseguiu agarrar o cadeado quando sentiu que alguém tentava abrir a porta por dentro, jogava-se contra ela, empurrando mais e mais... Depois ressoaram gemidos trêmulos...

"Mas com certeza Múzio não voltou da cidade", foi o pensamento que lhe passou pela cabeça, e ele correu em direção ao pavilhão...

O que ele de fato vê?

Vindo em sua direção, no caminho fortemente iluminado pelos raios da lua, também como um lunático, também com os braços estendidos e um olhar sem vida, estava Múzio. Fábio correu em sua direção, mas Múzio continuou andando, sem notá-lo, ritmicamente, dando um passo depois do outro, e seu rosto imóvel, iluminado pela luz da lua, esboçava um sorriso como o do malaio. Fábio queria gritar seu nome, mas neste momento ouviu: atrás de si, em sua casa, uma janela batendo... Olhou para trás....

De fato, a janela do quarto se abrira de cima a baixo, e, com um pé já na soleira, estava Valéria... suas mãos pareciam procurar Múzio... seu corpo estava todo estendido em sua direção.

Subitamente, uma raiva indescritível tomou conta do peito de Fábio, como uma torrente. "Maldito bruxo!", gritou freneticamente. E, agarrando Múzio pela garganta com uma mão, com a outra pegou a lâmina no cinto e enfiou até o punho em seu flanco.

Múzio soltou um grito estridente e, pressionando a palma da mão contra o ferimento, correu, cambaleante, de volta para o pavilhão... Mas, no mesmo instante em que Fábio esfaqueou Múzio, Valéria proferiu o mesmo grito estridente e caiu no chão como que cortada por uma foice.

Fábio lançou-se em sua direção, levantou-a, carregou-a para a cama, falou com ela...

Por um longo tempo ficou deitada sem se mexer; mas finalmente abriu os olhos, suspirou profundamente, ofegante e feliz, como alguém que acaba de ser salva da morte, avistou o marido e, envolvendo-lhe o pescoço com as mãos, apertou-se contra seu peito. "Você, você, é você", murmurou. Pouco a pouco suas mãos relaxaram, atirou a cabeça para trás e sussurrou com um sorriso beatífico: "Graças a Deus, tudo acabou... Mas como estou cansada!", e então caiu num sono profundo e tranquilo.

10

Fábio caiu ao lado dela na cama e, sem tirar os olhos de seu rosto pálido, que, apesar de magro, já tinha um aspecto de satisfação, começou a pensar sobre o que havia acontecido... e sobre o que deveria fazer agora. Como lidar com isso? Se tivesse matado Múzio – e lembrando como a lâmina penetrou profundamente, não podia duvidar que o tivesse –, se tivesse matado Múzio, isso não poderia ser escondido! Teria que informar o duque e os juízes.... Mas como poderia explicar, como relatar um acontecimento tão inexplicável? Ele, Fábio, havia

matado, em sua própria casa, seu parente, seu melhor amigo! As pessoas iriam perguntar: por quê? Por qual motivo? Mas e se Múzio não tivesse morrido? Fábio não podia mais permanecer na ignorância e, depois de se certificar de que Valéria ainda dormia, levantou-se com cuidado da cama, saiu da casa e dirigiu-se ao pavilhão. Dentro, tudo estava quieto: apenas numa janela se via luz. Com o coração apertado, abriu a porta de fora (na qual haviam traços de dedos ensanguentados; a areia do caminho estava enegrecida por gotas de sangue), cruzou a primeira sala escura e parou na soleira da porta, completamente estupefato.

No centro da sala, sobre um tapete persa, com uma almofada de brocado embaixo da cabeça e coberto por um grande xale vermelho com desenhos negros, estava deitado Múzio, com todos os membros esticados. O rosto, amarelo como cera, os olhos fechados, as pálpebras azuis, estava virado para o teto, sem respiração visível: parecia morto. A seus pés, também envolto em um xale vermelho, estava ajoelhado o malaio. Segurava nas mãos um ramo de uma planta desconhecida, parecido com uma samambaia, e, inclinando-se levemente para a frente, olhava fixamente para seu senhor. Uma pequena tocha, presa no chão, queimava com uma luz verde, e era a única fonte de luz no cômodo. Sua chama não se movimentava e não havia fumaça. O malaio não se mexeu com a entrada de Fábio, simplesmente levantou o olhar – e depois fixou-o novamente em Múzio. De tempos em tempos levantava e abaixava o ramo, balançando-o no ar, e seus lábios mudos lentamente se abriam e moviam-se, como se pronunciassem palavras silenciosas. No chão, entre o malaio e Múzio, estava a lâmina com que Fábio havia golpeado o amigo; o malaio bateu o ramo uma vez na lâmina coberta de sangue. Um minuto se passou... e outro. Fábio aproximou-se do malaio e, inclinando-se para perto dele, proferiu a meia voz: “Está morto?”. O malaio abaixou a cabeça e, tirando uma mão de baixo do xale, apontou imperativamente para a porta. Fábio tentou repetir sua pergunta, mas a mão imperativa repetiu o gesto e Fábio saiu, indignado e maravilhado, mas obediente.

Achou Valéria dormindo como a tinha deixado, com uma

expressão ainda mais satisfeita no rosto. Não se despiu, mas sentou-se na janela, apoiou-se nas mãos e tornou a se entregar a seus pensamentos. O sol nascente encontrou-o na mesma posição. Valéria ainda dormia.

11

Fábio queria esperar que Valéria acordasse e ir para Ferrara, quando de repente alguém bateu levemente na porta do quarto. Fábio saiu e viu à sua frente seu velho mordomo Antônio.

– *Signor* – começou o velho –, o malaio acabou de anunciar que o *signor* Múzio está se sentindo mal e deseja mudar-se com todas as suas coisas para a cidade; e portanto pede ao senhor que mande criados para ajudá-lo a fazer as malas, e na hora do jantar mande cavalos de carga e de sela e alguns condutores. O senhor permite?

– O malaio anunciou isto para você? – perguntou Fábio. – Como? Ele é mudo!

– Aqui, *signor*, o papel no qual escreveu tudo em nossa língua, e muito corretamente.

– E Múzio, você disse, está doente?

– Sim, muito doente, e é impossível vê-lo.

– Não chamaram um médico?

– Não. O malaio não permitiu.

– E o malaio escreveu isso para você?

– Sim, ele escreveu.

Fábio ficou em silêncio.

– Bem, dê as ordens – disse Fábio finalmente.

Antônio se retirou.

Fábio olhou atônito na direção de seu criado. "Então ele não morreu?", pensou consigo mesmo... e não sabia se ficava feliz ou lastimava. Estava doente? Mas poucas horas antes havia visto um corpo!

Fábio retornou para o lado de Valéria. Ela havia acordado e

levantado a cabeça. Marido e mulher trocaram um olhar longo e significativo. “Ele ainda está aqui?”, Valéria de repente perguntou. Fábio estremeceu. “Como... ainda aqui? Você não quer dizer...” “Ele foi embora?”, continuou ela. Fábio retirou um peso do coração. “Ainda não; mas irá hoje.” “E eu nunca, nunca mais o verei?” “Nunca.” “E não terei mais esses sonhos?” “Não.” Valéria tornou a suspirar alegremente; um sorriso beatífico apareceu-lhe nos lábios. Estendeu ambas as mãos para o marido. “E nós nunca falaremos sobre ele, nunca, está ouvindo, meu amado? E eu não sairei do quarto até que ele tenha ido embora. E você, mande-me as minhas criadas.... Mas espere: leve essa coisa!”, e indicou na cômoda o colar de pérolas que Múzio lhe havia presenteado. “Leve isto e jogue em nosso poço mais profundo! Me abrace – Sou sua Valéria – e não torne a vir aqui até que ele tenha ido embora.” Fábio pegou o colar – as pérolas pareciam ter perdido o brilho – e atendeu ao comando de sua mulher. Então vagou sem destino pelo jardim, olhando ocasionalmente para o pavilhão, ao redor do qual já havia começado a algazarra da mudança. Servos levavam baús e carregavam os cavalos, mas o malaio não estava entre eles. Uma vontade irresistível levou Fábio a olhar novamente o que estava acontecendo dentro do pavilhão. Lembrou que na parte de trás havia uma porta secreta pela qual era possível acessar o cômodo em que Múzio estava deitado naquela manhã. Aproximou-se da porta, achou-a destrancada e, partindo as dobras de uma pesada cortina, olhou inseguro para dentro.

12

Múzio não estava mais deitado no tapete. Vestido com roupas de viagem, estava sentado em uma poltrona, mas parecia um cadáver, com a mesma aparência da primeira visita de Fábio. Tinha a cabeça aparentemente petrificada, apoiada no encosto da cadeira, e as mãos esticadas, amarelas e imóveis, apoiadas sobre os joelhos. O peito não se movia. Em volta da poltrona, no chão com ervas secas espalhadas, estavam dispostas várias xícaras rasas cheias de um líquido escuro que

exalava um odor forte, quase sufocante, um odor de almíscar. Em volta de cada xícara estavam enroladas pequenas cobras de cobre, com olhos dourados, que ocasionalmente brilhavam; e bem na frente de Múzio, a apenas dois passos de distância, estava a figura esguia do malaio, vestindo um manto de brocado, longo e ricamente estampado, atado à cintura com uma cauda de tigre, e usando um chapéu alto na forma de uma tiara com chifres na cabeça. Mas ele não estava parado; curvava-se o tempo todo em reverência e parecia rezar, levantava-se a toda a sua altura e até ficava na ponta dos pés; não parava de estender os braços ritmicamente ou de movê-los com insistência na direção de Múzio, e parecia comandá-lo ou ameaçá-lo, franzia as sobrancelhas e batia os pés. Todos esses movimentos, pelo visto, custavam para ele um grande esforço, e até causavam dor: sua respiração estava pesada, e o suor escorria de seu rosto. De repente parou e, enchendo os pulmões de ar, franzindo as sobrancelhas, juntou as mãos com um grande esforço, trouxe-as junto ao corpo exatamente como se segurasse rédeas... e então, para horror indescritível de Fábio, a cabeça de Múzio lentamente afastou-se do encosto da cadeira e seguiu os movimentos do malaio... O malaio deixou cair as mãos e a cabeça de Múzio voltou bruscamente para a posição anterior; o malaio repetiu seus movimentos e a cabeça obediente os seguiu. O líquido escuro nas xícaras começou a ferver; as próprias xícaras começaram a tilintar delicadamente, e as pequenas cobras de cobre começarama fazer um movimento ondular em torno de cada uma delas. Então o malaio deu um passo à frente e, levantando as sobrancelhas e arregalando os olhos, balançou a cabeça na direção de Múzio... e as pálpebras do cadáver começaram a tremer, abriram-se de modo desigual e debaixo delas apareceram pupilas opacas como chumbo. O rosto do malaio brilhou com uma felicidade e orgulho triunfantes, uma felicidade quase maldosa; abriu os lábios amplamente e, das profundezas de sua garganta, deixou escapar um prolongado uivo... Os lábios de Múzio também partiram-se e um gemido fraco tremeluziu neles em resposta ao som inumano...

Mas Fábio não podia mais suportar aquilo: sentia que esta-

va testemunhando feitiços demoníacos! Também gritou e lançou-se correndo para casa sem olhar para trás, murmurando orações e fazendo o sinal da cruz.

13

Três horas depois, Antônio veio com a informação de que tudo estava pronto; todas as coisas estavam empacotadas, e o *signor* Múzio se preparava para partir. Sem dizer uma palavra a seu criado, Fábio saiu para o terraço, de onde podia avistar o pavilhão. Vários cavalos de carga amontoavam-se perto dele; na entrada estava um poderoso garanhão murzelo, com uma sela larga apropriada para duas pessoas. Lá também estavam criados de cabeças descobertas e guias armados. A porta do pavilhão abriu-se e o malaio apareceu, usando suas roupas normais, e carregando Múzio. Tinha o rosto cadavérico e os braços pendendo a seu lado como os de um morto, mas movia as pernas... sim! Movendo as pernas e, sentado no cavalo, manteve-se reto e apalpou em busca das rédeas. O malaio pôs as próprias pernas nos estribos, saltou para a sela atrás dele, pôs um braço em volta de sua cintura e então toda a caravana começou a se mover. Os cavalos iam a passo de caminhada, e quando passaram em frente da casa, Fábio teve a impressão de que dois pontos brancos apareceram por um instante no rosto de Múzio... Seria possível que ele tivesse voltado os olhos para Fábio? Apenas o malaio curvou-se para ele – maliciosamente, como de costume.

Valéria viu tudo isso? As persianas de suas janelas estavam fechadas... mas é possível que estivesse atrás delas.

14

Na hora do jantar ela se sentou à mesa muito quieta e afetuosa; entretanto, ainda reclamava de cansaço. Mas não havia nela um traço sequer de ansiedade, nem da antiga admiração constante e guarda secreta; e quando, no dia posterior à partida de Múzio, Fábio voltou a trabalhar em seu retrato, achou de novo em seu rosto aquela expressão pura, cujo eclipse momentâneo o havia deixado tão confuso, e seu pincel correu pela tela com leveza e fidelidade.

O jovem casal retomou a vida antiga. Múzio desapareceu para eles, como se nunca tivesse existido. E Fábio e Valéria concordavam em não pronunciar uma palavra sequer sobre ele e não perguntar sobre seu eventual destino. Em todo caso, isso permaneceu um mistério para todos. Múzio literalmente desapareceu, como se a terra o tivesse engolido. Houve uma vez em que Fábio sentiu que deveria contar a Valéria o que havia acontecido naquela fatídica noite, mas é provável que ela tenha adivinhado a sua intenção e segurou a respiração, franzindo os olhos como se antecipasse um golpe... Fábio compreendeu, e não desfechou esse golpe.

Num certo dia lindo de outono, Fábio completava seu retrato de Santa Cecília; Valéria estava sentada diante do órgão e os dedos corriam pelas teclas... De repente, contra a sua vontade, sob suas mãos começou a ressoar aquela canção de amor triunfante que Múzio havia tocado – e nesse momento, pela primeira vez desde seu casamento, sentiu dentro de si os primeiros sinais trêmulos de uma nova vida prestes a nascer... Valéria estremeceu e parou de tocar...

O que significava aquilo? Poderia ser...

Neste ponto o manuscrito terminou.